

# Estarei delirando?

Memórias de viagem



**Xikito Affonso Ferreira**

# Estarei delirando?

Memórias de viagem

*Miró*  
EDITORIAL

2013

Copyright © 2013, 1ª edição.

Xikito Affonso Ferreira

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da  
Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009.

O conteúdo desta obra, bem como citações de lugares e pessoas,  
são de responsabilidade do autor, detentor dos direitos autorais.

***Produção Editorial***

Miró Editorial

***Editor***

Márcia Lígia Guidin

***Capa, projeto gráfico e tratamento de imagens***

WK Comunicação

***Preparação de texto e revisões***

Michelle Neris da Silva, Pedro Baraldi

***Fotos***

Propriedade do autor

***Impressão e acabamento***

Prol Editora Gráfica

Para adquirir esta obra, entre em contato com:

[editorial@miroeditorial.com.br](mailto:editorial@miroeditorial.com.br)

[www.miroeditorial.com.br](http://www.miroeditorial.com.br)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Ferreira, Xikito Affonso

Estarei delirando? : memórias de viagem /

Xikito Affonso Ferreira. -- 1. ed. -- São Paulo

: Miró Editorial, 2013.

ISBN 978-85-62381-19-5

1. Crônicas brasileiras 2. Memórias 3. Relatos  
de viagens I. Título.

13-03414

CDD-869.93

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Crônicas de viagens : Literatura brasileira 869.93

ISBN 978-85-62381-19-5

Esta obra está também em versão E-book

*Todos os direitos reservados*

Miró Editorial Ltda.

Rua Augusta, 2676, cj. 143.

CEP 01412-100 – São Paulo – SP

Tels. (55) (11) 3063-3390 / (55) (11) 3532-3342

Visite nosso site: [www.miroeditorial.com.br](http://www.miroeditorial.com.br)

## Sumário

<i>Memórias e humor</i> , Antonio Carlos Lima de Noronha .....	13
Impulso .....	17
Indústria de Garagem .....	27
Nos primórdios de Brasília .....	27
Bahia remota e senhorial .....	28
Sonho rendido à lógica de multinacional .....	36
Do ufanismo à ressaca corporativa .....	42
Bahema, uma era .....	43
Estradas .....	46
Na terra de Tio Sam .....	48
Fratizador do <i>establishment</i> veste batina .....	50
Bancos escolares saxões .....	52
Easy-rider .....	55
Uma Paris que esfola .....	58
Guia de VIPS .....	61
Companheiro de viagem .....	62
Região onde sobra hospitalidade e emoção .....	64
Nos domínios do OPEP .....	69
Agrupando .....	72
Temendo o pior .....	77
No Velho Testamento .....	79
Véu e recato .....	82
Integração e reclusão .....	83
Entre levantinos abastados .....	85
Caixeiro-viajante ou sultão .....	88
Dias de Ramadan, dias de Gauguin .....	91
Alegrias postais, um intervalo .....	93
Trocando tendas por palacetes .....	95
Mordomias? .....	99
<i>Chez Sua Majestade</i> .....	104
Verde-amarelo em terras de SADDAM .....	104

Marcas indeléveis .....	105
Trocando de continente .....	109
Ingleses na capital da Pérsia .....	114
<i>Réveillon</i> e epifania .....	115
Britânia africana .....	120
<i>Oui, monseur</i> .....	135
Pegando o boi pelo chifre .....	136
Daslu africana .....	141
Islá .....	142
Trabalho de campo .....	143
Trilha rodoviária .....	144
Uma Petrópolis africana .....	146
Revenda Caterpillar e cinco empregados .....	147
Hipopótamos urbanos .....	148
Fado mulato, diamantes e dinamite .....	153
Visita à ilha proibida .....	161
Revista Caras .....	167
Liberdade de opinião .....	170
Sobre trilhos, em direção à confiança .....	176
Intrepidez no cerrado .....	180
A velha burocracia nacional .....	184
Terra do bamburro, berço da família .....	184
Mobral .....	186
Presépio .....	189
Aventura, cifrões e humor .....	190
Novas fronteiras e patriciado .....	195
Libido de um lençol freático .....	199
Santo Amaro – São Paulo .....	207
Colégios de subúrbio .....	213
Travessuras .....	214
Congonhas .....	216
Lareiras e jurisprudência .....	218
Saga .....	222
Saga e tragédia .....	224
João do Rio revivido .....	228
Infância e adolescência, Iguatemi .....	229
Privilégio .....	232
Campinas, anos 50 .....	234
A Grande Família .....	237
Moça tenaz .....	239

Só faltou <i>el ganado</i> .....	241
My Buenos Aires querida .....	243
Casa da Geleia .....	244
Predecessores .....	245
Cicerone .....	247
Programas de intercâmbio .....	249
Florescência .....	251
Colégio interno .....	252
Juliana .....	254
Volta ao mundo em 40 dias .....	256
Diáspora .....	267
Uma viagem à Europa: 2002 .....	269
Dias de fruição: julho, 2009 .....	271
Neblina e humor .....	275
Parceiras estáveis .....	276
Sonhando com tertúlias .....	277
Mosquitos .....	279
Cruzes .....	280
Do sertão à Côte d'Azur .....	282
Um xodó urbano .....	288
De turismo à residência .....	290
Em terras da família .....	291
Verão, 2010: três semanas de Inglaterra .....	296
Tio Patinhas? .....	300
Tentativa quixotesca .....	307
Placas tectônicas .....	307
Empregado homem .....	309
Flores do sertão .....	315
Copeiros .....	317
Cosme Paranhos, às suas ordens .....	320
No reino fabuloso das águas fartas .....	322
Medicina e ecologia .....	324
Em memória de Chico Mendes .....	325
Salas de visitas itinerantes .....	327
<i>Upgrade</i> .....	329
Um pouco de reflexão .....	330
Curtindo estacionamento .....	332
Olhando pelo retrovisor .....	334
Viagem ao centro da Terra .....	336
<i>Réssourcement</i> .....	343



Para Mamãe, Ronnie, San, Mel, Ju e Tish,  
que dão sentido a essas perambulações.



“A saudade é a presença da ausência”  
Tristão de Athayde



## Memórias e humor

Conheço Xikito desde a juventude. Já se manifestavam a esse tempo, no garotão de franja loira e sorriso aberto, a inteligência, a curiosidade pelas coisas e até o apetite de quem pretendia descobrir e devorar o mundo, pedaço a pedaço.

Cheio de bom humor e energia, passava horas a conversar com todos, inclusive com os mais velhos... aprendia e memorizava... mais escutava que falava. Tinha sempre perguntas, mais que respostas. Parecia ter já dúvidas sociológicas, políticas, religiosas, que precisava esclarecer. Seu livro leva a crer que, provavelmente, tenha escolhido a aventura como o caminho para a sua descoberta do mundo.

Passamos metade de nossas vidas, a dele e a minha, sem nos vermos, cada um entregue às suas tarefas, morando em lugares diferentes. Um dia, 40 anos depois, encontramos-nos num jantar. Foi como se o tempo não houvesse passado. Ali estava o Xikito, agora homem maduro, acompanhado por sua inglesa e encantadora esposa, cercado de filhas. O mesmo bom humor, o mesmo entusiasmo pela vida, as demais qualidades que já se anunciavam desde então.

Foi preciso, entretanto, ler seu livro para descobrir o novo autor talentoso, relatando em português claro, sem firulas, com imagens vigorosas e descrições precisas, as pessoas, coisas, hábitos, lugares, paisagens – enfim, suas experiências de vida. Tudo isso num périplo internacional capaz de despertar inveja em qualquer aventureiro profissional ou viajante contumaz.

Xikito não economiza em seus esforços de aventura. Desbravou, principalmente, terras difíceis. Morou e trabalhou em todos os continentes. Teve uma experiência única de vida e seria uma pena que não a deixasse registrada. Foi empresário, negociador internacional,

vendedor, caixeiro-viajante, galo-de-briga, *playboy*, faz-tudo... Funcionou, frequentemente, como o farol anunciante da entrada do Brasil e dos brazucas no comércio e nas economias locais. Do Burundi ao Irã, de Beirute a Nairóbi, de Angola à Capadócia, do Maranhão à Bahia, Xikito palmilhou terras e mais terras, no exercício da profissão, e viveu um bem-sucedido romance, que resultou numa bela família.

Este livro é o resultado de um compromisso dele com os amigos, para que não se perdessem essas incríveis lembranças. E não se perdem, graças à sua memória de elefante, que consegue reter perfeitamente, e em detalhes, imagens gravadas anos atrás.

Interessante e divertido, no livro, também, é que, além das esperadas digressões comerciais sobre produtos e mercados, o autor nos brinda com histórias, muitas cheias de humor, sobre os mais variados assuntos, e faz análises isentas, inteligentes, desapaixonadas, de conjunturas políticas internacionais as mais diversas.

Neto de avô célebre, filho de pai-herói, de mãe culta e bonita, com irmãos bem-sucedidos, o nosso autor teria que sair bom para não desmerecer aos seus. A meu ver, sai-se melhor que isso. Desponta como novo escritor, e talentoso, cujo livro é daqueles que se consegue ler de uma vez só.

A obra, vocês verão, tem um pouco de tudo. São basicamente memórias, mas com humor, romance, política, comércio internacional e até algumas cenas de filme de espionagem. É, principalmente, o relato de um cidadão do mundo, atento ao aprendizado da vida, à sua análise, e também à fruição de suas descobertas.

Seu enfoque principal é, sempre, humano. Sujeito culto e bem criado, destituído de preconceitos ideológicos, ele parece que gostaria que a realidade do mundo, que vai descobrindo, fosse melhor. Mas, apesar de algumas decepções, conserva quase sempre o humor fino em seus comentários a respeito de quase tudo...

A impressão que fica ao leitor é que, em meio às respostas que busca, e enquanto conta suas experiências, o autor procura por um “sentimento grandioso para a vida, algo mais espiritual, um senso poético da existência, uma disposição para a aventura, uma capacidade

de encantamento”. No livro há essa menção à procura, referida por um personagem, como se fosse a de todo um povo. Penso, entretanto, que essa busca, assim caracterizada, cabe, perfeitamente, à definição da procura do nosso próprio autor.

Agora, não se assustem: o livro não procura refletir angústias de essência, não quer resolver problemas filosóficos nem inclui divagações sobre o absoluto. É uma obra interessante, leve, muito bem escrita, que procura contar, com bom humor, de maneira inteligente e viva, uma vida bastante rica em experiências. E consegue, vocês vão gostar, com certeza. Eu gostei muito.

Que essa busca, assim definida, cabe perfeitamente melhor à definição da procura do nosso autor.

Antonio Carlos Lima de Noronha



## Impulso

Há em minha família um impulso viajador. É traço que vem tanto do avô paterno quanto do materno. Um deles, Alceu Amoroso Lima (1893-1983), como era costume entre certo estrato social do começo do século XX, gravitava no eixo Rio-Paris, tendo na infância e juventude vivido longas estadas na Europa. A outro ramo, de Manuel Affonso Ferreira (1875-1959), remonta também nosso gene viajante, talvez mais aventureiro neste caso, pois Manuel ainda dependia de conseguir ganhar a vida no exterior. Ele trazia nas veias uma tradição desbravadora que se ligava, algumas gerações antes da sua, a tropeiros paraibanos migrados para o interior do Piauí. Nascido em Jerumenha, uma aldeia a 600 quilômetros ao sul da capital do estado, Manuel manifestou já na adolescência o impulso de ganhar o mundo. Isso começou aos 11 anos de idade, com sua ida a Teresina para cursar o ginásio enquanto trabalhava na Farmácia Collet-França. Querendo ser médico, ele depois montou no lombo de um burro em Jerumenha e cavalgou até as margens do rio Parnaíba, de onde alcançou Caxias, no Maranhão. Na manhã seguinte, refeito do cansaço, seguiu por via fluvial até São Luís, de onde tomou o vapor que, algumas semanas mais tarde, o deixaria no Rio de Janeiro onde cursou medicina. Cinco anos depois, diplomava-se médico otorrinolaringologista.

Seis anos de peregrinação iniciaram então para ele. Nos três primeiros, Manuel viveu na Europa, fazendo estágios na clínica de Alexander e Hajek, em Viena, e na de Sebilleau, em Paris. Por volta de 1901, alistou-se nas equipes de socorro da Marinha Real inglesa, atuando nas tropas da rainha Vitória, que lutavam contra os bóeres, no Transvaal – o território que depois se chamaria África do Sul – cheio de fabulosas jazidas de diamantes e ouro. Manuel servia no “SS Minho”, navio-hospital enviado a Capetown para recolher os soldados feridos.

Infelizmente, quase toda essa fascinante e dramática missão ficou registrada só oralmente. Restou uma única foto, a do banquete nos jardins de um daqueles típicos e enormes parques ingleses, oferecido pela rainha Vitória à equipe médica no retorno a Londres. No daguerreótipo, vê-se o piauiense entre outros senhores graves de terno escuro.

Tão enérgico quanto o sedentarismo que adotou ao completar 35 anos de idade, Manuel importou de Teresina Anita Burlamaqui, de apenas 16 anos e de belos traços fisionômicos, com quem se casou. Para marcar a mudança de vida, a jovem teve os longos cabelos cortados e guardados para sempre em uma caixa de sapatos. Os dois estabeleceram-se em Campinas, SP, onde a construção da estrada de ferro Mogiana, para escoar o café plantado em fabulosas terras roxas até alcançar Ribeirão Preto, fomentava a fundação do Instituto Penido Burnier em 1920. No hospital, a oftalmologia veio a se tornar uma referência nacional. Vovô colaborou com João Penido Burnier, com quem topara ao acaso no Boulevard St. Michel e de quem se tornaria sócio.

Conheci meu avô já octogenário e de chuteiras penduradas, morador de uma cidade pequena e pacata, indo a pé de casa ao trabalho. Todas as manhãs, aquele pai de quinze filhos, em um andar vagaroso e com gestos tranquilos, coifiando a farta barba, ia cuidar do galinheiro no fundo da casa da Rua Culto à Ciência. Essa era a higiene mental de que se valia. Um neto, seu xará, deixou dele um pequeno retrato em carta a mim, datada de 4 de dezembro de 2009:

*Vovô Affonso era um sujeito doce e calmo, extremamente afável, brincalhão e conversador. Não tinha trombas nem mutismos burlamaquianos. Um sujeito que gostava de criar galinhas (recolhia os ovos pelo fim da manhã e pelo meio da tarde), que tinha papagaios (trazidos por teu pai, ou pelo Álvaro, from Bahia) e passarinhos, que curtia suas fruteiras, dando carinho especial ao cajueiro nascido de castanha filhota do cajueiro do Humberto de Campos, só podia ser um sujeito de “altos gabaritos”. Contava causos, me dava atenção e se interessava em ouvir minhas respostas ao que perguntava.*

Mutismo “burlamaquiano”, aqui, se refere ao cunhado Milton Burlamaqui, que com eles dividia a casa e dava mesada aos sobrinhos que não interrompessem seu silêncio nem lhe dirigissem a palavra.

As origens no remoto do sertão piauiense não atrofiaram a ousadia de Manuel. Na medicina, ganhou muito com sua disponibilidade para viajar. Os especialistas europeus o capacitaram a “executar, então, com prioridade em nosso país, a engenhosa operação de Hirsch – segura trepanação do seio esfenoidal pela via transeptal” (Dr. Guedes de Mello, *Correio Popular*, 2 set. 75). Era cirurgia especialmente invasiva, tendo os instrumentos de avançar por dentro das narinas do paciente até a testa. Imagine-se a estranheza que causava o procedimento naqueles tempos de anestesia precária.

Ele e outros médicos, depois de formados, voltaram a Campinas, onde se estabeleceram na profissão. Algumas décadas adiante, veio-lhe a prosperidade e, com ela, a retomada do espírito de aventura. Eram os anos 1970, de turismo internacional ainda acanhado e que engatinhava rumo à virada para grandes contingentes de consumidores. Carimbar passaporte, ouvir outros idiomas, comprar em lojas estrangeiras, ver a Torre Eiffel e o Big Ben eram ainda programas que geravam excitação.

Essa turma comunicava-se por telegrama e pagava despesas com cheque de viagem, quando não com nota de 100 dólares, tal qual traficantes. Obter divisas (aliás, dólar, que era a única moeda forte disponível) era procedimento cheio de restrições. Cartão de crédito em moeda forte não havia entre nós. Não esqueço que, em 1977, precisei de seis mil verdes para comprar um Fusca no Quênia, onde me preparava para assumir um posto de trabalho; acabei tomando um avião e batendo à porta do... Banco Central em Brasília. Voltei do Planalto todo pimpão, com a convicção de ter superado um grande obstáculo.

Meu pai, que passou a vida viajando a trabalho, carregava cartas de crédito para fazer saque no exterior. Ir aos Estados Unidos ou à Europa, nas décadas de 40 e 50, era programa excepcional. Ainda se aceitavam encomendas de parentes ou amigos próximos, fazia-se diário de bordo, mandavam-se postais. Na volta ao Brasil, reuniam-se os amigos para contar as novidades e projetar *slides*.

Quem seguiu os passos viajantes de vovô Manuel foi meu tio José Carlos, que integrou a equipe brasileira de basquete em turnê pela Europa nos anos 50 e resolveu ficar por lá no fim do campeonato. Curtiu a boemia até o último tostão, quando teve de bater à porta da embaixada do Brasil em

Londres. Doces tempos eram aqueles em que ser viajante brasileiro no exterior era exceção e se conseguia sensibilizar os diplomatas. Eles o encaixaram em um avião da FAB que vinha para o Rio. Mais tarde, o mesmo tio conseguiu residência hospitalar para uma pós-graduação em ortopedia. Estagiou três anos no St. Francis Hospital, em Peoria, e em dois outros centros médicos de Memphis e Nova York. Seu irmão Augusto, enquanto isso, treinava na Clínica Mayo, em Minnesota. A bolsa que recebiam era muito modesta, a ponto de não terem podido vir ao Brasil para o enterro do pai. Zé Carlos reforçava seu orçamento em Nova York disputando partidas de *snooker* com direito a apostas.

Ricardo Affonso Ferreira, neto de Manuel, é um *globe-trotter* nato. Conta-se que, na fase *easy-rider*, conseguiu afixar em um quadro de avisos no Aeroporto de Viracopos esta nota: “Se alguém precisar de alguém para ir a qualquer lugar do mundo, eu falo inglês. Ligue 019...”. Foi parar na Nigéria, a serviço de uma reflorestadora brasileira contratada para plantar, no norte daquele país, uma barreira vegetal de contenção ao avanço do deserto. Na África, o rapaz ficou um ano, e ainda emendou outro tanto em um roteiro por terra, à la Orient Express, que o levou à Índia. Duas décadas depois, a comichão voltou a morder os pés daquele que, nesse meio-tempo, se tornara ortopedista como o pai. Juntou uma dúzia de médicos em uma ONG, a Expedicionários da Saúde, para levar assistência médica aos índios da Amazônia. Chegou a viajar três horas a bordo do Hércules para chegar à Cabeça do Cachorro, já na fronteira com o Peru, fazendo contato com povos indígenas que ainda não conheciam o homem branco. Graças ao patrocínio de laboratórios, o grupo equipou-se com tendas de lona e geradores. Agora, a cada semestre, montam na mata uma instalação climatizada, onde chegam a ser realizadas mais de duzentas cirurgias, sobretudo de catarata. A Expedicionários atraiu a atenção da revista *The Economist*, cujo correspondente no Brasil participou de uma das viagens do grupo e dedicou-lhe quatro páginas laudatórias em duas das edições de 2008.

Afrânio, meu pai, era outro em cujo dicionário não existia a palavra longe. cursou faculdade de Agronomia afastado de casa, em Piracicaba, aonde chegava de trem. Casou-se no Rio de Janeiro, foi estagiar nos Estados Unidos, em Peoria, Estado de Illinois, espécie de Vaticano da manufatura